

**Armando Silva
Carvalho
Março '94**

Rumor branco, escreveu Almeida Faria. E dentro do seu livro era o vento que batia no cimo da floresta, enquanto em baixo os ramos morriam de solidão. E mais: que nunca o cimo era incómodo, porque nele havia a alegria do gageiro que lá do alto sabia gritar terra.

Ao vermos estes rostos brancos de Paulo Neves, amaciados por um vento do alto, lisos de gordura dos sentidos e da turbulência das emoções mais negras, julgamos pressentir uma ascese que o escultor se decidiu erguer das antigas raízes deformadas pelo instinto natural da mãe, elevando-as a um plano mais puro de alegria angélica.

Serão rostos de mulher? Ou serão antes perfis longilíneos de anjos numa androgenia indefinida, suspensos numa verticalidade metálica? Verticalidade hirta, mas não nervosa, como a de Giacometti, para lhe opormos uma instituição consagrada no mundo da escultura. Em Giacometti as obras cresciam perturbadas pelo magro gangrenado da miséria de todas as solidões dos caminhantes que não procuram caminhos; antes aguardam que o braço da metafísica os leve a erguerem-se do seu peso de chumbo, insuportáveis.

Paulo Neves é um homem-menino que não quer deixar arrastar-se pela matéria, à deriva, sabendo, como a criança sabe, que paus e pedras são também parte integrante do que faz abrir o voo às bruscas aves das primeiras memórias.

Mas nada é " autêntico " no rústico e rural numa natureza ameaçada. E nisso Paulo Neves é mestre, porque soube abandonar todo o léxico literário da crítica e a obrigatoriedade das escolas persecutórias.

E de fisga fingida, soube recolher a pedra mais certa que o seu vento talentoso acariciou, como um mar calmo e aéreo, deixando nos angulosos rostos a passagem de uma natureza angélica e empenhada em destruir a sensualidade que pesa e descai para a melancolia.

A religião dos tempos medievos, a que ia buscar o símbolo possível a uma geometria um pouco agreste, pela pressa em alcançar uma plena in-ciência, destruída depois por uma escolástica penosa e carregada de culpa, vamos descobri-la, hoje, nestes rostos de Paulo Neves, rostos que não escutam o Mal nem os tortuosíssimos demónios que seduzem pela carne satisfeita na mentira.

Quem sabe que ver é cego para o mundo, dizem-nos estas faces esguias, livres das formas gregas, do lábio sensual da posterior renascença.

Da metamorfose das madeiras gigantes e totémicas, daquilo que " sobre os troncos ainda quase vivos ", como escreveu a Marta, a Paulo Neves só lhe faltava agora enfrentar a pedra para melhor dar lugar ao vento do seu ofício de cumprir uma ascese que luta contra a " realidade virtual " dos nossos dias.

Os instrumentos numa tecnologia que soube, com o maior rendimento, colocar no mundo os simulacros do lucro e do consumo estético, não vieram bater ao portão da quinta de Cucujães. Lá ouvimos cantar os galináceos, as árvores vivem de pé e a madeira, como disse o artista, é preciso salvá-las do fogo.

Talvez nos falte a água " a mim falta-me sempre ", mas o modo como estes rostos nos oferecem os seus cabelos, lisos, são indícios de uma água que os fez desfrisar, lavar e depois deixar ficar, corridos por um vento intenso, por uma alegria passageira e descuidada.

A mãe, tudo o que a mãe e matriz, mereceu das mãos de Paulo Neves a carinhosa imagem dum amor que, percavido e tímido, procura não fugir ao seu olhar que sempre sabe dar as precisas voltas antes do momento fatal em que o abismo se aproxima, coberto dos seus panos de sofrimento estético, irreprimível.

Agradeço ao artista este reencontro com a Mãe desrazoada e eternamente jovem, polida por uma carícia de vertigem que depõe nos seus múltiplos rostos a palavra indecifrada pela inteligência.

Agradecemos aos deuses que deram ao escultor um caminho de pedra, aéreo, liberto do desejo turbo, mais pleno de ternura e compaixão que à cegueira do amor devolveram a luz mais íntima que todas as luzes, as que perderam o século e andam já a perder todo o milénio.